

\* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma. Missionário presbítero da Diocese de Ilhéus/BA.

E-mail: [macalcantara@hotmail.com](mailto:macalcantara@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-5998-9277>

\*\* Especialista em Sagradas Escrituras pela Faculdade Claretiana e em Ciências da Religião pela Faculdade Unyleya. Presbítero da Diocese de Pinheiro/ MA.

E-mail: [pereira-anderson1@hotmail.com](mailto:pereira-anderson1@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-9557-6026>

Recebido em 27/11/20

Aprovado em 16/02/21

## “VIU-O E MOVEU-SE DE COMPAIXÃO”

estudo hermenêutico-teológico da  
parábola do bom samaritano

## “HE SAW HIM, HE TOOK PITY ON HIM”

hermeneutic-theological study of the  
parable of the good Samaritan

*Marcos Alcântara\**  
*Anderson Costa Pereira\*\**

**Resumo:** O artigo apresenta um breve estudo hermenêutico-teológico da parábola do bom samaritano, narrada somente pelo evangelista Lucas (cf. Lc 10,25-37). Apresenta, de maneira sucinta, uma visão geral do Evangelho segundo Lucas, seguindo alguns passos metodológicos que ajudam na compreensão do texto bíblico. Em seguida, contextualiza a referida perícopes dentro do Evangelho, apresentando um comentário que ajuda na compreensão do texto. Por fim, elabora-se algumas conclusões que ajudam o leitor a refletir sobre a atualidade da parábola.

**Palavras-chave:** Jesus. Bom samaritano. Próximo. Evangelho segundo Lucas.

**Abstract:** The article presents a brief hermeneutic-theological study of the parable of the good Samaritan, narrated only by the evangelist Luke (cf. Lk 10,25-37). It presents, in a succinct way, an overview of the Gospel according to Luke, following some methodological steps that help in the understanding of the biblical text. Then, contextualizes that pericope within the Gospel, presenting a comment that helps in understanding the text. Finally, some conclusions are drawn up that help the reader to reflect on the actuality of the parable.

**Keywords:** Jesus. Good Samaritan. Neighbor. Gospel according to Luke.



## INTRODUÇÃO

Este artigo nos coloca em contato com uma das parábolas mais belas e conhecidas de todo o Novo Testamento, a saber, a **parábola do bom samaritano** (cf. Lc 10,25-37). Trata-se de uma das parábolas exclusivas de Lucas<sup>1</sup>, inserida na dinâmica do longo caminho empreendido por Jesus rumo a Jerusalém. Sem dúvidas, é um daqueles episódios em que Jesus esbanja misericórdia, o que é muito recorrente no Evangelho lucano, o chamado “Evangelho da misericórdia”<sup>2</sup>.

Sem dúvidas, esta parábola está entre as mais populares “histórias” contadas por Jesus<sup>3</sup>. Entretanto, o fato de ser muito popular pode nos passar a impressão de que já a entendemos bem, ou pior, não nos impactar à força de sua mensagem. Não nos deixemos enganar, achando que já conhecemos o suficiente o texto, mas permitamos ser interpelados pela sua mensagem, que nunca perdeu sua atualidade e, tampouco, a sua força comunicativa.

Assim sendo, este artigo deseja auxiliar-nos, de tal modo, que compreendendo a estratégia literária lucana, possamos aprofundar um pouco mais sobre esta parábola. Primeiramente, procura-se elucidar alguns tópicos fundamentais para a compreensão do Evangelho segundo Lucas. Em seguida, situa-se a parábola em questão dentro de seu contexto mais amplo a partir da estratégia narrativa do autor. Por fim, elabora-se a conclusão, a partir da atualidade do tema, iluminado pelo texto bíblico parabólico.

## 1 O EVANGELHO DE LUCAS

Ler o Evangelho segundo Lucas é tornar-se testemunha e deixar-se invadir pelo poder de Jesus ressuscitado que, através da sua Igreja, ao longo dos séculos, proclama a Boa Nova do Reino de Deus (cf. Lc 9,2.27). A vida e a mensagem de Jesus se descobrem através do testemunho das comunidades concretas e diversas. Lucas não usa muito o termo **Evangelho** (só duas vezes em Atos) mas utiliza 25 vezes o verbo **evangelizar**<sup>4</sup>. O Evangelho, neste sentido, é mais do que uma ação, um conteúdo, é uma pessoa: Jesus Cristo vivo e atuante através das suas testemunhas, na força do Espírito Santo (cf. At 1,8).

### 1.1 Autor e destinatário

Desde o século II a obra foi considerada de Lucas. Muitos estudiosos atribuem-no a profissão de médico (cf. Cl 4,14) e o identificam com o discípulo e colaborador de Paulo (cf. Fm 23ss, 2Tm 4,11). Porém, essa relação entre Paulo e Lucas vem sendo questionada, visto que há muitas diferenças entre a teologia paulina e lucana<sup>5</sup>. Dados extra bíblicos informam que Lucas era um sírio de Antioquia que morreu na Boécia (Grécia)<sup>6</sup>.

1 Os Evangelhos sinóticos apresentam um total de quarenta parábolas, das quais vinte e nove estão no Evangelho de Lucas e dezesseis só aparecem nesse evangelho, a saber: Lc 7,41-43; 10,25-37; 11,5-8; 12,13-21; 13,6-9; 13,22-30; 14,7-11; 14,25-33; 15,8-10; 15,11-32; 16,1-8; 16,19-31; 17,7-10; 18,1-8; 18,9-14. cf. Michel GOURGUES. *As parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005; Luise SCHOTTROFF. *As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

2 Um estudo detalhado sobre o Evangelho da misericórdia podemos encontrar em Johan KONINGS; MAZZAROLO Isidoro. *Lucas: o evangelho da graça e da misericórdia (comentário-paráfrase)*. São Paulo: Loyola, 2016; Augustin GEORGE. *Leitura do evangelho segundo Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1982; Carroll STUHLMUELLER. *Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1975.

3 O sentido literal da palavra *parábolas* é “lançar ao lado”. É uma história que conta outra história. As parábolas são metáforas que nascem da realidade cotidiana, de situações corriqueiras, mas sempre trazem um elemento que foge dos padrões normais. A mensagem é indireta e tem como objetivo causar impacto e quem a ouve é convidado a tomar uma posição. É um texto aberto e dinâmico.

4 Cf. Gerhard KITTEL e Gerhard FRIEDRICH, *Compendio del diccionario teológico del nuevo testamento*, p.212.

5 Cf. Eduard LOHSE, *Introducción al Nuevo Testamento*, p.166.

6 Raymond E. BROWN, *Introdução ao Novo Testamento*, p.378.

Apesar da falta de consenso dos estudiosos em determinar quem é o autor do terceiro Evangelho, estes “estão divididos quase meio a meio quanto à aceitação da historicidade dessa atribuição a Lucas, no caso de ele ser o autor de Lucas-Atos<sup>7</sup>”.

Apesar das obras lucanas (Lucas-Atos) serem dedicadas à certo Teófilo, é evidente que destinam-se a leitores cristãos de cultura grega, possivelmente de Antioquia da Síria ou da Ásia Menor<sup>8</sup>, como se percebe pela língua, pelo cuidado em explicar a geografia e usos da Palestina, pela omissão de discussões judaicas, pela consideração que tem pelos gentios. Lucas dá a impressão que conhece a comunidade de Jerusalém, pois ele cita o nome de várias mulheres (cf. Lc 8,1-3). Portanto, a estratégia narrativa de Lucas capacita o seu leitor, sobretudo de cultura grega, à compreensão das suas obras, pois muitos não estavam familiarizados com os escritos judaicos aos quais os pregadores se referiam com frequência ao explicar a história de Jesus<sup>9</sup>.

## 1.2 A REDAÇÃO DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

### 1.2.1 Composição e data

De acordo com Brown, na composição do seu Evangelho, Lucas utilizou como fontes principais o Evangelho de Marcos, a *Fonte Q* e as próprias fontes admitidas pelo evangelista: “as testemunhas oculares e os ministros da palavra” que transmitiram a narração do que aconteceu, e muitos já haviam empreendido compilar relatos<sup>10</sup> (cf. Lc 1,1-2). Estas demais tradições estão marcadas pelo trabalho do autor, que se reflete, quer na sua ordenação, quer no vocabulário, quer no estilo.

A arte e a sensibilidade de Lucas ao escrever manifestam-se na sobriedade das suas observações, na delicadeza de atitudes, no dramatismo de certas narrações, na atmosfera de misericórdia das cenas com pecadores, mulheres e estrangeiros, como se nota claramente na parábola do bom samaritano. Ademais, o autor é influenciado pelo estilo dos historiadores (cf. Lc 2,1-2) e dos poetas gregos; utiliza a tradução grega dos LXX e conhece bem o Império Romano.

O terceiro Evangelho é datado por vários autores, entre eles Kummel, por volta dos anos 70 a 90<sup>11</sup>, porque Lucas deve ter conhecido o cerco e a destruição da cidade de Jerusalém por Tito, no ano 70. Brown também defende esta teoria e indica uma data não posterior ao ano 100<sup>12</sup>.

### 1.2.2 O tempo de Jesus e o tempo da Igreja

Uma das ideias-mestras de Lucas é distinguir o tempo de Jesus (Lc) e o tempo da Igreja (At)<sup>13</sup>. Sem esquecer a singularidade do acontecimento salvífico de Jesus Cristo, põe em relevo as etapas da obra de Deus a partir de uma teologia da História. Mais do que Mateus e Marcos, ao falar de Jesus e dos discípulos, Lucas pensa já na Igreja, cujos membros se sentem interpelados a acolher a mensagem salvífica na alegria e na conversão do coração. É isso que faz deste livro o Evangelho da misericórdia, da alegria, da

7 Raymond E. BROWN, *Introdução ao Novo Testamento*, p.378.

8 Cf. Jerome KODELL, Lucas. In: Diane BERGANT; Robert J. KARRIS, *Comentário bíblico*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

9 Cf. Jerome KODELL, Lucas. In: Diane BERGANT; Robert J. KARRIS, *Comentário bíblico*, p.73.

10 Cf. Raymond E. BROWN, *Introdução ao Novo Testamento*, p.371.

11 Cf. Werner Georg KUMMEL, *Introdução ao Novo Testamento*, p.188.

12 Cf. Raymond E. BROWN, *Introdução ao Novo Testamento*, p.371.

13 Cf. Rafael Aguirre MONASTÉRIO; Antônio Rodríguez CARMONA, *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*, p.284-285.

solidariedade e da oração. No respeito pelo ser humano, a salvação evangélica transforma a vida das pessoas, com reflexos no seu interior, nos seus comportamentos sociais e no uso que fazem dos bens terrenos.

### 1.2.3 Estrutura do Evangelho

Existem várias possibilidades de estruturar o terceiro Evangelho. A estrutura que aqui se apresenta pode ser dividida de forma esquemática em três grandes partes, precedidas por uma parte introdutória, conforme estrutura oferecida por Monasterio e Carmona<sup>14</sup>:

#### PARTE INTRODUTÓRIA:

- Prólogo Literário (1,1-4)
- Relatos sobre nascimento de João Batista e sobre o nascimento e infância de Jesus (1,5-2,52)
- Díptico introdutório apresentando a atividade de João Batista e a unção e provação de Jesus (3,1-4,13)

PRIMEIRA PARTE: Atividade de Jesus na Galileia (4,14-9,50)

SEGUNDA PARTE: Caminho de Jesus para Jerusalém (9,51-19,28)

TERCEIRA PARTE: Atividade de Jesus em Jerusalém (19,29-24,53)

Há outros modelos possíveis de estruturação do Evangelho, de acordo com outros comentadores, porém situaremos o texto do bom samaritano neste esquema que se encontra dentro da segunda parte do Evangelho. Essa parte apresenta a subida de Jesus para Jerusalém, sendo a parte mais longa de toda a obra. Nela temos o eixo central da mensagem de Lucas: a comunidade cristã é uma comunidade que está a caminho. Durante essa subida para Jerusalém, o evangelista apresenta Jesus ensinando, curando, discutindo com seus discípulos e adversários, tudo isso como uma forma pedagógica de ajudar sua comunidade a entender o que significa seguir Jesus e as exigências do discipulado<sup>15</sup>.

### 1.2.4 Um itinerário a seguir

Lucas é um dos evangelistas que apresentam de forma mais contundente o caminho de salvação numa perspectiva universal. O tema do “caminho” (ἡ ὁδός = hē hodos: caminho, estrada), na obra lucana, qualifica a vida e a identidade da comunidade cristã. O uso do verbo caminhar, que aparece 51 vezes no Evangelho e 37 vezes em Atos, confirma essa tese<sup>16</sup>. Esse verbo aparece tanto nos relatos da infância, para indicar que os pais de Jesus estão a caminho de Jerusalém (cf. 1,39; 2,3.41), como no final do episódio da sinagoga de Nazaré (cf. 4,30), quando ungido pelo Espírito Santo, inaugura seu ministério na Galiléia (cf. 4,14-9,50).

Ao longo de todo o Evangelho Jesus percorre um longo e árduo caminho. Nos caminhos da Galileia, Jesus pregava e anunciava a Boa-Nova do Reino de Deus (cf. 8,1). Em Lc 9,51, Jesus toma decididamente o caminho de Jerusalém (cf. 9,51-19,27), seguido por seus discípulos e grande multidão. Seu destino é Jerusalém, centro do poder religioso e o coração de todas as expectativas e esperanças de Israel, onde será rejeitado e executado numa cruz em total obediência ao Pai e, ressuscitado, cumprirá todas as profecias a seu respeito (cf. 24,27).

14 Cf. Rafael Aguirre MONASTÉRIO; Antônio Rodriguez CARMONA, *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*, p.284-285.

15 Rinaldo FABRIS, *O Evangelho segundo Lucas*. In: Rinaldo FABRIS e Bruno MAGGIONI, *Os Evangelhos II*, p.12-13.

16 Cf. Gerhard KITTEL e Gerhard FRIEDRICH, *Compendio del diccionario teológico del nuevo testamento*, p.514-518.

Deste modo, o caminho de Jesus não termina com a chegada em Jerusalém, nem com sua paixão e morte. Esse caminho continua nas cenas seguintes após sua morte e ressurreição, com os discípulos de Emaús (cf. 24,28). Neste sentido, o caminho será revestido de uma nova perspectiva em Jerusalém, quando, reunido com os seus apóstolos e discípulos, Jesus sobe aos céus (cf. At 1,10-11) e, derramando o seu Espírito sobre todos (cf. At 2,33), faz da sua Igreja, missionária peregrina do mesmo “caminho”, enquanto projeto de vida.

### 1.3 O tema da Misericórdia do Pai no terceiro Evangelho<sup>17</sup>

Com razão, Dante Alighieri definiu Lucas como “*scriba mansuetudinis Christi*” (escritor da docilidade de Cristo), justamente pela ênfase que ele dá à misericórdia do Pai revelada por Jesus em relação aos pecadores e excluídos<sup>18</sup>. De fato, para muitos estudiosos, o terceiro Evangelho é o Evangelho da misericórdia, pois Lucas é o evangelista que mais vezes emprega o termo. Além disso, em Lucas temos uma Cristologia bem caracterizada que apresenta um Jesus misericordioso e compassivo diante das pessoas mais necessitadas e excluídas. Ele é o “embaixador da misericórdia e da justiça”<sup>19</sup>.

Desde o início do Evangelho, a misericórdia de Deus é cantada ao recordar o que Deus já realizou pelo seu povo. Maria no *Magnificat* profetiza: “a sua misericórdia perdura de geração em geração” (1,50); “Ele socorreu Israel, seu servo, lembrando de sua misericórdia” (1,54). Também Zacarias no *Benedictus* recorda a libertação do povo realizada por Deus “para fazer misericórdia com nossos pais” (1,72) e vê a vinda do Messias como uma ação misericordiosa: “Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, pelo qual nos visita o Astro das alturas” (1,78).

O termo compaixão também é usado no Evangelho para referir-se à misericórdia de Deus. A compaixão vem do verbo grego *σπλαγχίζομαι* (*splangxizomai*) e se refere aos órgãos vitais (coração, rins, pulmões e fígado)<sup>20</sup>. Portanto, agir com compaixão é sentir com as entranhas. No Novo Testamento é pouco usado. Lucas usa apenas três vezes esse verbo para três passagens que só estão em seu Evangelho: a reanimação do filho da viúva de Naim (7,11-17); a parábola do bom samaritano (10,29-37); a parábola do filho pródigo (15,11-32)<sup>21</sup>.

## 2 A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO (Lc 10,25-37)

Na primeira parte desse artigo, apresentou-se, de forma sintética e dinâmica, o processo literário narrativo no qual Lucas desejava conduzir o seu leitor a uma profunda compreensão da mensagem sempre atual presente na parábola do bom samaritano. Sendo assim, inicia-se esta segunda e última parte situando a parábola num contexto mais amplo do Evangelho de Lucas. Depois analisa-se o contexto específico e imediato da parábola e, finalmente, apresenta-se hermenêuticamente a eficácia da mensagem contida no texto com toda a sua força comunicativa e sempre atual.

17 Sobre algumas passagens acerca da misericórdia (6,36-38; 7,13-14; 7,44-48; 10,29-37; 15,4-7; 15,8-10; 15,11-31).

18 Cf. Jerome KODELL, Lucas. In: Diane BERGANT e Robert J. KARRIS, *Comentário bíblico*, p.73.

19 Isidoro MAZZAROLO, *Lucas: a antropologia da salvação*, p.14.

20 Cf. Gerhard KITTEL e Gerhard FRIEDRICH, *Compendio del diccionario teológico del nuevo testamento*, p.831.

21 Para esta análise recorreremos basicamente ao texto clássico de Helmut KÖSTER, *splagnon*. In: Gerhard KITTEL, *Grande lessico del Nuovo Testamento*, p.903-934.

## 2.1 O contexto da parábola (Lc 10,25-28)

O texto da parábola do bom samaritano situa-se na segunda parte do Evangelho, conforme a divisão apresentada anteriormente. Atento ao contexto desta segunda parte do Evangelho, conforme o modelo estrutural apresentado, o narrador informa ao leitor que Jesus está subindo para Jerusalém de forma resoluta, ou seja, “Jesus toma a firme decisão de partir para Jerusalém” (Lc 9,51). Este versículo introduz a grande viagem de Jesus em direção a Jerusalém, a qual ocupa uma extensão de dez capítulos (cf. 9,51-19,28) de um total de vinte e quatro.

Como aponta Gourgues<sup>22</sup>,

A narrativa do bom samaritano figura na seção central do evangelho de Lucas (9,51-19,27), que tem por quadro a subida de Jesus a Jerusalém (...) vemos que em Lucas a maioria delas (25 das 29) está situada nesse quadro muito amplo, que constitui uma das características de seu evangelho. Para este autor, o episódio parece estar deslocado já que a narrativa em Lucas está ligada à discussão de Jesus com um legista sobre o maior mandamento da Lei. Ora em Mc 12,28-31 e Mt 22,24-34 essa discussão não tem lugar por ocasião da subida a Jerusalém, mas na própria Jerusalém, na série de controvérsias que marcam a última etapa da missão de Jesus.

Portanto, é uma parte muito relevante para o conjunto da obra do terceiro Evangelho. Este percurso, mais do que geográfico, é um caminho teológico revelador do modo como o Pai atua na história a partir do jeito de ser de Jesus e de construção da identidade do discipulado maduro e convicto que descobre e assume o processo formativo que se dá no seguimento incondicional à Jesus<sup>23</sup>.

É fundamental perceber que a parábola do bom samaritano foi elaborada em um contexto coloquial, em resposta à pergunta de um mestre da lei feita diretamente a Jesus, que assumiu a centralidade de todo o diálogo, constituindo, deste modo, uma das páginas mais belas e conhecidas do terceiro Evangelho. Também é importante considerar que nenhuma parábola de Jesus, sobretudo em Lucas, surgiu do nada, mas das situações concretas, a partir das interpelações dos seus interlocutores. Nesse caso específico, a parábola ilustra a resposta de Jesus a um mestre da lei que, embora fosse um grande conhecedor das Escrituras, lhe faltava a vivência do essencial, ou seja, a prática do amor fraterno.

Antes de compreender a parábola em si, é necessário conhecer o contexto que deu origem a parábola. O v. 25 introduz o texto dizendo que **“E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo”** (Lc 10,25a). Lucas apresenta aqui o mesmo verbo usado no episódio das tentações (cf. Lc 4,1-13): *εκπειραζω* (*ekpeirazô*), cujo significado é tentar, pôr alguém à prova. Esse indicativo é importante porque já confere um caráter satânico às intenções do mestre da lei, pois, tentar Jesus, pondo-o à prova é a atitude de satanás, conforme a linguagem bíblica.

Conhecida as motivações maliciosas do legista, concentremo-nos agora no conteúdo da pergunta: **“Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”** (v.25b). Se trata de uma pergunta profundamente espiritual e inteligente, digna de um verdadeiro mestre da lei. Como era próprio da cultura rabínica responder a uma pergunta com outra pergunta, Jesus assim o faz, e responde perguntando exatamente o que a lei do Senhor diz a este respeito: **“Que está escrito na Lei? Como lês?”** (v.26).

22 Cf. Michel GOURGUES, *As parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*, p.15-16.

23 Cf. Rinaldo FABRIS, *O Evangelho segundo Lucas*. In: Rinaldo FABRIS e Bruno MAGGIONI, *Os Evangelhos II*, p.12-13.

Como bom conhecedor, o mestre da lei responde prontamente combinando duas citações da Sagrada Escritura, a saber, Deuteronômio: **“Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento”** (cf. Dt 6,5); e Levítico: **“e a teu próximo como a ti mesmo”** (cf. Lv 19,18). Resposta própria de quem examinava a Lei dia e noite, como era próprio do seu ofício.

A dupla referência veterotestamentária (Dt 6,5; Lv 19,18) será usada, de maneira diferente, nos outros sinóticos (Mc 12,28-33; Mt 22,34-40). Em Mateus e Marcos, as duas citações estão separadas, Lucas uniu-as. Enquanto Mateus enquadra o ‘mandamento do amor’ numa intenção polêmica doutrinária, Marcos refere-o no domínio apologético<sup>24</sup>.

Nas palavras de Schottroff<sup>25</sup>,

Entre Jesus e o intérprete da Torah ocorre um diálogo rico em conteúdo (...) O intérprete da Torah faz de Jesus Mestre (...) O intérprete da Torah havia recebido certa formação. Jesus é descendente de pessoas simples da Galileia (Lv 2,1-20). Ele é descrito como uma criança superdotada (Lc 2,40-52). Ele pode ler a Torah na Sinagoga (Lc 4,16-21). Ele não tem uma formação como a do intérprete da Torah. Em toda cena, o intérprete permanece aquele que pergunta e aquele que aprende.

Teoricamente a resposta do mestre da lei foi perfeita, tanto que o próprio Jesus reconheceu: **“Respondeste corretamente; faze isso e viverás”** (v.28). Jesus assim ensinava aquele mestre da lei a como agir para receber a herança da vida eterna, colocando como prioridade o amor a Deus ao próximo e a nós mesmos. Mas, sua tentativa de justificar-se demonstrava o quanto sua vida religiosa estava distante desses mandamentos. Diante da insistência do mestre da Lei em querer justificar-se, Jesus conta a parábola do bom samaritano para esclarecer quem é o nosso próximo e coloca a situação do próximo ao inverso do que sempre pensamos.

Como sustenta Gourgues<sup>26</sup>, “sem dúvida o verbo justificar-se (*dikaioo*) não deve ser entendido aqui no sentido teológico – que, aliás, Lucas conhece – mas simplesmente no sentido de que o legista quer justificar-se de ter posto uma questão, quando acaba de mostrar que já conhecia a resposta”.

## 2.2 Jesus narra a parábola

Pelo contexto percebe-se que Jesus narra a parábola do samaritano como resposta ao legista após sua tentativa de justificar-se. Então, Jesus aproveita a oportunidade para apresentar um dos seus mais célebres ensinamentos sobre a misericórdia, tema esse tão caro ao Evangelho de Lucas.

A parábola inicia-se do seguinte modo: **“Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto”** (v.30). Portanto, um homem, não identificado por Jesus, percorria o caminho que ia de Jerusalém para Jericó. Apesar da distância entre as duas cidades não ser tão grande (apenas 27 km), o texto sugere que aquele caminho era perigoso e cheio de grandes obstáculos a começar pelo desnível entre as duas cidades. Enquanto Jerusalém estava há 750 metros acima do nível do mar, Jericó estava a aproximadamente 300 metros sob o nível do mar. De fato, uma grande descida. Além

24 Ramiro Délio B. de MENESES, *O Desvalido no Caminho (Lc 10,25-37): da audição à recitação pela decisão*, p. 25.

25 Luise SCHOTTROFF, *As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica*, p.159.

26 Michel GOURGUES, *As parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*, p.18.

disso, tinha de atravessar o deserto de Judá. Era uma estrada tão perigosa, que somente se andava em grupo, considerando tanto os obstáculos da natureza quanto o perigo dos assaltantes.

Impressiona-nos a atitude do sacerdote e do levita diante do homem que havia sido assaltado. Diz o texto que **“casualmente, descia por esse caminho um sacerdote”** (v.31a), ou seja, estava voltando de Jerusalém, sem dúvidas do Templo após realizar seu serviço litúrgico, portanto completamente “puro”, conforme as leis de pureza da época. Porém, **“viu-o e passou adiante”** (v.30b). A mesma cena de desprezo e indiferença do sacerdote é repetida por um levita, auxiliar dos sacerdotes no serviço litúrgico do Templo: **“Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu”** (v.32).

Tanto o sacerdote como o levita passaram adiante, por quê? Por causa da Lei, pois não podiam se sujar com sangue, ficariam impuros e não poderiam servir ao Templo enquanto não passasse a “quarentena”. E, certamente, aquele homem estava ensanguentado devido ao espancamento. O sacerdote e o levita estavam seguindo as rubricas das leis mosaicas. A lei estava acima da vida para a religião judaica do tempo de Jesus e, na pior das consequências, impedia o povo até mesmo na prática do amor fraterno em tais situações. Lucas está quebrando esta visão legalista, pois o que vale e agrada a Deus é a misericórdia.

Após a indiferença do sacerdote e levita, Jesus introduz um terceiro personagem na história, desta vez um samaritano: **“certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão”** (v.33). Vale destacar que os samaritanos eram considerados pelos judeus como uma raça sincrética, impura, sem valor algum e, conseqüentemente, inimigos dos judeus. Os samaritanos não eram considerados apenas estrangeiros, eles também se caracterizam como não crentes e idólatras porque, de acordo com 2Rs 17,6-41, resultam de uma mistura entre judeus e assírios, daí por que cultuavam deuses pagãos.

Em 722 a.C. o Império Assírio conquistou Samaria, então capital do Reino do Norte, e deportou a população local e trouxe povos estrangeiros para habitar na cidade (cf. 2Rs 17,6-41). Os novos habitantes levaram seus costumes e crenças religiosas para a Samaria. Desde então, ela ficou conhecida pelo seu sincretismo, decorrente, sobretudo, das celebrações de matrimônios mistos entre todos os povos que habitavam aquela cidade/capital. Outro fato histórico é que quando os judeus retornaram do Exílio da Babilônia e começaram a reconstruir o Templo e a cidade de Jerusalém, mesmo em meio às dificuldades, rejeitaram a ajuda oferecida pelos samaritanos, por causa da lei da pureza, como atesta o livro histórico de Esdras (cf. Esd 4,3-16).

Também vale ressaltar que no início de sua longa viagem para Jerusalém, os discípulos de Jesus tinham sido rejeitados pelos samaritanos (cf. Lc 9,53) e, logo em seguida, Jesus apresenta um samaritano com atitudes e comportamentos fraternos e cheio de empatia revelados nos verbos fortes: ver, acolher, sentir compaixão, ajudar.

Na parábola temos duas atitudes completamente opostas. De um lado, o sacerdote e o levita que, ao verem a situação em que aquele homem se encontrava, preferiram ir por outro caminho. De outro lado, somente o samaritano que viu, sentiu compaixão e aproximou-se. A parábola remete a uma série de ações realizadas pelo samaritano que confirmam o seu amor pelo próximo: **“Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados”** (v.34). Nota-se que vários verbos são usados e todos eles são verbos de ação.

O agir do samaritano não se resume somente naquele momento: **“No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a**

**mais, em meu regresso te pagarei**’ (v.35). Joachim Jeremias observa que “o fato de Jesus surpreendentemente remetê-lo ao agir como sendo a via para a vida, deve-se entender a partir igualmente desta situação concreta: todo conhecimento teológico de nada serve, se o amor para com Deus e para com o próximo não determinar a direção da vida<sup>27</sup>”.

### 2.3 A conclusão da parábola

Interessante o fato que a parábola foi contada por Jesus como resposta à pergunta “**E quem é o meu próximo?**” (v.29), agora, ao final do diálogo, Jesus devolve novamente uma pergunta ao mestre: “**Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?**” (v.36) formando uma estrutura quiástica do texto:

- A. Pergunta do mestre da Lei: *Quem é o meu próximo?* (v.29)
- B. Pergunta de Jesus: *Quem se mostrou próximo?* (v.36)
- B'. Resposta do mestre da Lei: *Quem agiu com misericórdia* (v.37a)
- A'. Resposta de Jesus: *“vai e faze tu o mesmo”* (v.37b)

Na mentalidade judaica, o próximo era o parente, o companheiro de religião e, no máximo, o estrangeiro radicado entre eles. Jesus vai inverter esta concepção mostrando não “quem é o meu próximo”, mas de quem eu me faço próximo.

À pergunta de Jesus o legista responde: “**Aquele que usou de misericórdia para com ele**” (v.37a). Para ele, este é o verdadeiro próximo. Apesar da resposta ser indiretamente preconceituosa, pois o mestre da lei evita mencionar a pessoa “do samaritano”, dizendo apenas “aquele”, está correta, pois revela algo jamais visto até então da parte de um mestre da lei: atribuir a uma pessoa humana o uso da misericórdia que é atribuído somente a Deus em todo o Antigo Testamento. Esta é a única vez em que se atribui a um homem o uso da misericórdia tão cara a Deus<sup>28</sup>.

Na parábola do bom samaritano, Jesus revela o rosto do Pai. Através de um pecador, pagão, “herege”, Jesus revela a face do Pai das misericórdias. Quem escuta atentamente esta Parábola faz uma profunda experiência da misericórdia do Pai, revelado plenamente em Jesus. Esta parábola quer, de fato, conduzir o leitor, segundo a estratégia narrativa de Lucas, às três parábolas da misericórdia do capítulo 15 com a mesma força comunicativa.

A parábola lança luzes a toda experiência humana com o conselho de Jesus ao mestre da lei: “**Vai, e também tu, faze o mesmo**” (v.37b), ou seja, o samaritano torna-se um modelo a ser imitado pelo leitor de todos os tempos. Portanto, a força do imperativo ético serviu de proposta ao mestre da lei na tentativa de abandonar todos os preceitos impostos pela religião que impedem de se fazer o bem sem olhar a quem, isto porque é preciso ver no outro um ser humano como condição real de possibilidade de fazer experimentar do amor de Deus.

### CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, propomos um redimensionamento da pergunta feita por Jesus ao mestre da lei. A pergunta que se deve fazer não é “quem é o meu próximo?” Mas, “**eu sou capaz de me tornar o próximo de qualquer pessoa?**”. A parábola nos provoca e estimula a sermos presença amorosa na vida de tantas pessoas que sofrem abandonadas à

<sup>27</sup> Joachim JEREMIAS, *Parábolas de Jesus*, p.202.

<sup>28</sup> Joachim JEREMIAS, *Parábolas de Jesus*, p.202.

beira do caminho. “Ver, compadecer-se e cuidar” são compromissos indispensáveis à vida cristã e devem ser reassumidos com entusiasmo por todos os cristãos, de ontem e de hoje.

É preciso perguntar-se quem é este bom samaritano da parábola. Numa primeira leitura podemos identificar cada leitor, pois Jesus deseja realçar a importância da proximidade amorosa que devemos manifestar uns pelos outros, ainda que não seja tão fácil assim sentir empatia pelos que se declaram nossos inimigos.

Porém, mais do que um ensinamento moral, Jesus revela-nos a capacidade intrínseca que cada ser humano tem dentro de si para realizar-se, participando, de forma consciente e ousada, da história da salvação. Em uma leitura cristã da parábola, o judeu que caminha de Jerusalém para Jericó é figura da humanidade que desce da “Cidade Santa” para “o lugar da perdição”. Neste itinerário, o homem (a humanidade) é atacado por assaltantes (o pecado de Adão e Eva), que quase lhe rouba a vida. O sacerdote e o levita - ou seja, os profetas do Antigo Testamento - nada podem fazer de verdadeiramente eficaz para salvá-lo. Então, é do samaritano - imagem de Jesus - que vem o auxílio redentor. Depois de socorrê-lo, esse samaritano o encaminha para uma hospedagem - a Igreja -, onde poderá receber o devido tratamento (os Sacramentos).

A leitura atenta e profunda que realizamos nos levou a perceber e a descobrir que é o próprio Jesus que se faz o próximo (bom samaritano) da humanidade. Ele veio libertar toda a humanidade sofredora, vítima do próprio sistema totalmente descontrolado que está assaltando e espancando com crueldade e sem misericórdia. Por ter entranhas de compaixão, Ele se aproxima, cuida, carrega, ou seja, Jesus repete tais atitudes com toda humanidade e revela que o Pai deseja dar o Reino ao seu pequenino rebanho (cf. Lc 12,32).

Portanto, Lucas revela através da sua estratégia narrativa parabólica, que Jesus revoluciona o pensamento religioso, político e social do seu tempo e de todos os tempos, quando relativiza a lei mosaica da pureza, da teologia da retribuição, quando questiona o sistema que exclui e marginaliza, quando revela a hipocrisia religiosa e pessoal. Permitamos que a força comunicativa da parábola do Bom Samaritano cure nossos corações de todo preconceito e indiferença; abra nossa mente à compreensão de que “ninguém se salva sozinho” e nos faça realmente sentir a alegria potencializada em todos os gestos de solidariedade e serviço incondicional a quem mais precisa, a exemplo do homem anônimo da parábola que encontrou no bom samaritano a presença amiga e solidária do próprio Cristo Jesus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA de Jerusalém. Revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- FABRIS, Rinaldo. O Evangelho segundo Lucas. In: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. Os *Evangelhos II*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- GOURGUES, Michel. *As parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005.
- JEREMIAS, Joachim. *Parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2007
- KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Compendio del diccionario teológico del nuevo testamento*. Grand Rapids, Michigan: Libros desafio, 2002.
- KODELL, Jerome. Lucas. In: BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. *Comentário bíblico*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- KUMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas 1982
- LOHSE, Eduard. *Introducción al Nuevo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1975.
- MARCONI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas: a antropologia da salvação*. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

MENESES, Ramiro Délio Borges de. *O Desvalido no Caminho (Lc 10,25-37): da audição à recitação pela decisão*. *Theologia Xaveriana*. Bogotá, Colômbia, v.58, n.165, p.19-50. Enero-Junio de 2008.

MONASTÉRIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maia, 2006.

MOSCONI, Luís. *Leitura Segundo Lucas*. Edição do Cebi: São Leopoldo, 1991 (Coleção: A Palavra na Vida).

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã: Paulus, 2010.

SCHOTTROFF, Luise. *As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.